

## O Coletivo Leve e o SESC Parque Dom Pedro II

Entrevista cedida a

*Paola Dargoni*

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo na PUC-Rio.

Contato: paoladargoni@gmail.com

*Kevin Chiappetta*

Graduando em Arquitetura e Urbanismo na PUC-Rio.

Contato: kevinlealc@gmail.com

*Henrique C. Delarue*

Arquiteto pelo Departamento de Arquitetura e Urbanismo da PUC-Rio.

Contato: hcdelarue@gmail.com

### RESUMO

A entrevista foi concedida à Revista PRUMO pelos integrantes do Coletivo Leve, “Lula” Gouveia (do Superlimão), Vanessa Espínola, Helena Camargo (H2C Arquitetura) e Barão Di Sarno. As perguntas procuraram abranger temas como o processo de projeto do SESC Parque Dom Pedro II, as práticas do Coletivo e o fazer arquitetura no Brasil de hoje.

### ABSTRACT

The interview was given to *Revista PRUMO* by the members of *Coletivo Leve* (Leve Collective), “Lula” Gouveia (from *Superlimão*), Vanessa Espínola, Helena Camargo (*H2C Arquitetura*) and Barão Di Sarno. The questions sought to cover topics such as the design process of *SESC Parque Dom Pedro II*, the practices of the Collective and the practice of architecture in Brazil today.

### SESC Parque Dom Pedro II

O projeto para o SESC Parque Dom Pedro II foi pensado como uma estrutura provisória para o terreno cedido em 2015 pela Prefeitura de São Paulo no bairro do Brás. O projeto de 2015 do Coletivo Leve para a ocupação foi executado em 2017 e funcionou até agosto de 2021, com o início das preparações para as obras do edifício da unidade definitiva, desenhado pelo UNA Arquitetos.

## Descrição (cedida pelos autores)

Mais do que uma proposta cenográfica para uma cidade específica, este projeto é uma nova forma de atender às demandas do SESC e da cidade contemporânea. Trata-se de um sistema construtivo composto por aduelas, andaimes, escoramento de formas e contêineres que podem se adaptar às mais diversas demandas do SESC nos mais diversos territórios. O sistema proposto é adaptável, multifuncional e sustentável, pois evita o grande descarte de matéria-prima comum em montagens temporárias.

## Coletivo Leve

Superlimão Studio, Barão di Sarno, H2C Arquitetura, Zoom Arquitetura, Vanessa Espínola.

### “Lula” Gouveia (Superlimão)

Após se graduar em 2001 pela Universidade Presbiteriana Mackenzie em Engenharia Civil, trabalhou por 6 anos com Fundações, onde participou de grandes projetos como Brascan Century Plaza, Rochaverá Corporates Towers, Rodoanel e Linha Amarela Subway. Em 2002, começou a estudar Arquitetura e começou a trabalhar em escritórios conectando a arquitetura e a engenharia. Nesse período, gerenciou projetos corporativos para clientes como Booz-Alan-Hamilton, McCann Ericsson e Votorantim Group. Em 2007, graduou-se em Arquitetura pela Universidade Mackenzie e passou a trabalhar no escritório Rocco Vidal+PW, até se tornar sócio do Superlimão, em 2008.

### Helena Camargo (H2C Arquitetura)

Arquiteta urbanista e pós-graduada em Administração pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e com PDA na Universidade Dom Cabral. Sócia-fundadora da H2C Arquitetura com 12 anos de trajetória e mais de 200 projetos no portfólio, incluindo o restauro da Passarela de Congonhas e o protagonismo na implementação dos *Parklets* em São Paulo. cursou cenografia no MAM e participou do curso MateriaLab em busca de materiais ecológicos e reutilizáveis. Residiu em Hong Kong em 2017, onde liderou seu time de *design* no concurso ULI patrocinado pela Swire Properties UK. A pesquisa de novas materialidades está sempre presente em seu processo criativo.

### Vanessa Espínola

*Designer* generalista e mestre em comunicação e semiótica pela PUC-SP, fez parte do grupo responsável pela implementação dos *Parklets* no Brasil. Com experiência em processos de cocriação e *placemaking* com crianças e adolescentes, é cofundadora do projeto bambolê oficinas, que têm por objetivo levar o conhecimento em *design* sustentável e cidadania ativa para o público infantil de maneira lúdica e divertida. Faz parte do Instituto A Cidade Precisa de Você e atualmente tem pesquisado práticas participativas do público infantil e jovem para a construção de cidades mais justas e democráticas.

### Barão di Sarno

*Designer*, futurista, ativista; sócio-fundador da Questtonó, consultoria de inovação e *design*, onde atua em projetos para futuros mais humanos e sustentáveis; vice-presidente do Instituto A Cidade Precisa de Você, coletivo que visa a ativação de espaços públicos; faz parte do Movimento *Maker* em São Paulo, desenvolvendo projetos *opensource*. Já ministrou aulas e *workshops* no Instituto Europeu de Design, USP e Mackenzie com temas como *design thinking*, *design* industrial, *smart cities*, sustentabilidade, inovação em mobilidade, *design* e ativismo. Tem artigos publicados em diversos veículos de mídia, como *Folha de São Paulo*, *O Estado de São Paulo* e a revista *Meio & Mensagem*.

Infelizmente, a Revista Prumo não conseguiu entrar em contato com Guilherme Ortenblad, integrante do Coletivo e sócio-fundador do Zoom Urbanismo Arquitetura Design para esta entrevista.

A compreensão da arquitetura enquanto prática e construção coletiva tem se ampliado na contemporaneidade. Como se articularam em coletivo para o projeto do SESC Parque Dom Pedro II e como lidaram com as disputas e conflitos que surgem a partir da proposta de um espaço institucional de uso público?

“Lula” Gouveia (Superlimão): O Coletivo Leve já trabalhava junto, desde que nasceu a partir do DesignOK, um grupo de *designers* e arquitetos que já trabalhavam juntos e com vários propósitos, sendo um deles atuar em projetos urbanos. O Leve, então, é o braço de ações culturais/sociais do DesignOK. Foi o Leve, por exemplo, quem trouxe os *parklets* para o Brasil. Assim como nos demais projetos, a força deste foi a união de diversos olhares, cada um com sua especialidade.

O projeto para o SESC Parque Dom Pedro II se iniciou a partir do convite do SESC para a concorrência que vencemos. O objetivo era ocupar e estimular a reurbanização de uma área central importante para a cidade e até então sem utilidade. Por característica, o SESC é uma entidade que provê espaços públicos em suas áreas institucionais. Um dos maiores, senão o maior, criador de espaços abertos no Brasil.

Vanessa Espínola: Como cita o Lula acima, nós já nos conhecíamos, já trabalhávamos juntos e o processo de articulação foi algo natural, conhecíamos as qualidades de cada um do grupo e a divisão de trabalho se deu a partir das qualidades e experiências de cada integrante. Somos um grupo heterogêneo e descentralizado e nossa relação está baseada na criação e autoria de projetos, [nós] nos juntamos quando existe essa intenção ou necessidade. Para mim, como *designer*, foi excitante participar de um projeto dessa dimensão.

É bom lembrar em que circunstâncias o Coletivo Leve emergiu. Em 2013 fazíamos parte do Grupo DesignOK, havíamos trabalhado quase o ano todo para que o projeto dos *parklets* fosse tirado do papel, foi o mesmo ano das “Manifestações de Junho” no Brasil, o mesmo ano em que a X Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo teve como tema “Modos de Ver e de Usar a Cidade”. Na sequência, em abril de 2014, o governo da cidade de São Paulo regulamentou, através de um decreto,<sup>1</sup> a instalação e o uso de *parklets* na cidade. Em novembro, por este mesmo projeto, fomos premiados na XIX Bienal Panamericana de Arquitectura de Quito (BAQ). No mesmo ano, fizemos um Jardim *Pop Up* no Largo da Batata, uma ação de urbanismo tático que buscou incentivar a arborização da cidade e a criação de mobiliários urbanos que tinham como premissa o espaço para áreas verdes.

Fonte: Maira Acayaba.



Figura 1. Vista aérea do SESC Parque Dom Pedro II.

Fonte: Maira Acayaba.



Figura 2. SESC Parque Dom Pedro II, Coletivo Leve.

Fonte: Maira Acayaba.



Figura 3. SESC Parque Dom Pedro II, Coletivo Leve.



Após a instalação, o projeto foi doado para a subprefeitura de Pinheiros. Esse mesmo Jardim, no mesmo ano recebeu um *REMIX*, feito pelo movimento “A Batata Precisa de Você”. Foi o primeiro mobiliário urbano que eu conheço que recebeu uma “remixagem” e algumas adaptações.

Tudo isso, para dizer que havia um ar de entusiasmo coletivo naquilo tudo que estávamos fazendo e estávamos animados com algumas conquistas nossas e com o debate acerca da democracia real e de um urbanismo colaborativo e passível de ser negociado que a própria cidade estava colocando em pauta.

Nesse período, por motivos econômicos e financeiros, o Grupo DesignOK deixou de existir e assim surgiu o Coletivo Leve, nessa época estávamos trabalhando com a Secretaria do Verde em São Paulo para a criação de um Parque Infantil no Ibirapuera, projeto que, por motivos políticos, não foi para a frente e foi nesse momento que recebemos o convite para participar da concorrência para o projeto do SESC, no final de 2014.

Sobre a pergunta relacionada a conflitos e disputas, para participarmos da concorrência, deveríamos seguir alguns conceitos norteadores como a referência à história do local, um espaço como fluxo de descompressão, o diálogo com a realidade sociocultural, entre outras coisas. Ou seja, o SESC nos pautou com essas questões importantes. É claro que, algumas coisas não pudemos levar a diante, como por exemplo criar um espaço cenográfico sem a presença de muros ou grades ou um espaço que transbordasse os limites físicos, com proposta de instalações e mobiliários até o Viaduto Diário Popular.



Fonte: Maira Acayaba.

Figura 4. SESC Parque Dom Pedro II, Coletivo Leve.

**Helena Camargo (H2C Arquitetura):** Trabalhar em rede e colaborativamente é um pensamento vigente desde o início da H2C, em 2006. Nós participamos ativamente de discussões sobre a cidade e fundamos conjuntamente o Coletivo Leve para pensar como tornar o meio urbano mais humano e acolhedor. Dessas discussões, surgiram projetos propositivos que mudaram a cara da cidade de São Paulo e outras cidades do Brasil, como o *parklet*.

O SESC como fomentador da cultura em seus mais variados temas, percebeu a nossa atuação enquanto Coletivo e nos convidou para a competição do SESC Dom Pedro II. O nosso projeto foi vencedor, não apenas pelo desenho proposto, mas também pelo repertório de ativações urbanas que cada membro do Coletivo possuía.

Para além da arquitetura, os espaços públicos emergem a partir do desejo de uma comunidade ou da potencialidade de uma localidade, eles são a tradução da alma coletiva. Por esse motivo, costumamos envolver nos projetos o olhar e as falas das comunidades ao seu redor, em parceria com antropólogos e pesquisadores sociais.

**Barão Di Sarno:** Projetar coletivamente é uma grande oportunidade de rever a forma como criamos. Vivemos numa sociedade que cultua excessivamente a individualidade e, dessa forma, constrói esse mito do autor, do gênio. No entanto, criar é uma forma de juntar diferentes peças que já estão no mundo dando uma nova configuração. Essa nova configuração pode ser surpreendente, mas é importante constatar que o autor fez somente uma pequena parte desse trabalho: a última montagem de um amontoado de peças geniais que nós humanos seguimos produzindo.



Fonte: Maira Acayaba.

Figura 5. SESC Parque Dom Pedro II, Coletivo Leve.

Portanto, pode-se dizer que toda criação é, de certa forma, coletiva. Quando um projeto já é assumidamente coletivo, como foi esse, ele tem a chance de ser mais sincero. Se as pessoas forem realmente comprometidas com o objetivo, esse projeto pode ser um resultado verdadeiro das melhores escolhas, sem o viés gerado pela busca da autoria. Entendo que esse foi o caso.

**O projeto do SESC se propõe a ir além de um espaço cenográfico. Nesse sentido, como lidaram com a singularidade e construção de caráter do projeto para que houvesse uma experiência genuína entre pessoas e obra?**

**LG:** A base do projeto foi entender as necessidades da população ao redor, seu principal público, e atender essa demanda de espaços públicos ali. O intuito era estimular conversas, valorização e conhecimento sobre o entorno, um dos pontos históricos de São Paulo.

O programa se propõe a criar novas atividades, ao mesmo tempo em que convida para um grande passeio ao ar livre, que terminava com uma vista na cota da Praça da Sé. [Ou seja,] Dar entendimento sobre o que é a região central da cidade e como ela se construiu.

O diferencial do projeto — que motivou a escolha pelo SESC — é a possibilidade de ele ser desmontado e montado em outro lugar, sendo flexível para ocupar outros espaços e se adequar a novas histórias.

**VE:** Como disse o Lula, a proposta tinha um grande diferencial, nós a chamamos de “projeto-sistema flexível nômade, transitório, temporário”. Queríamos transpor a essência do SESC para uma cenografia que apresentasse a mesma essência, passível de mudanças, flexível e podendo ser reutilizada em outras unidades provisórias.

**HC:** Nosso ponto de partida foi criar um mirante voltado para o Mercado Municipal e fazer um percurso expositivo da cota da rua até o mirante. Esse espaço contemplativo, na cota do mirante, permitia ao usuário ver a cidade ao seu redor e perceber as conexões entre o Parque Dom Pedro II e o centro. Tudo isso, como mencionado por Lula e Vanessa, feito com andaimes de obra e sistemas desmontáveis, algo ainda pouco explorado no Brasil, estruturas efêmeras transitórias.



Fonte: Maira Acayaba.

Figura 6. SESC Parque Dom Pedro II, Coletivo Leve.



Fonte: Maira Acayaba.

Figura 7. SESC Parque Dom Pedro II, Coletivo Leve.



Fonte: Maira Acayaba.

Figura 8. SESC Parque Dom Pedro II, Coletivo Leve.



Fonte: Maira Acayaba.



Figura 9. SESC Parque Dom Pedro II, Coletivo Leve.

Fonte: Maira Acayaba.



Figura 10. SESC Parque Dom Pedro II, Coletivo Leve.

Fonte: Maira Acayaba.



Figura 11. SESC Parque Dom Pedro II, Coletivo Leve.

Fonte: Maira Acayaba.



Figura 12. SESC Parque Dom Pedro II, Coletivo Leve.

**Em um cenário de crescente envolvimento popular com o campo político, qual o papel de um projeto como o de ocupação temporária do SESC?**

**LG:** O projeto transitório foi feito não só para ocupar um local até então sem utilidade pública, mas para entender as necessidades da região e da população local antes de uma construção definitiva. Por ser totalmente reaproveitável, ele pode ser transferido para outra cidade e cumprir a mesma função. Vale lembrar, mais uma vez, a função importante de gerar um novo olhar para a cidade, estimulando que o visitante conheça melhor a cidade, suas origens e história.

**VE:** Milton Santos escreveu que o espaço urbano possui algumas densidades, uma delas é a densidade comunicacional,<sup>2</sup> que, segundo ele, é o tempo plural do cotidiano partilhado, da co-presença, do acontecer solidário. Acredito que as unidades provisórias do SESC potencializam essa densidade do lugar quando constroem relações mais horizontais com as comunidades e o entorno nos quais estão instaladas. Acredito também que esse tempo compartilhado, de realidade vivida e experimentada no lugar, essa troca, é algo que pode transformar as pessoas estimulando novos olhares, interesses em comum e visões de mundo que podem influenciar o próprio entorno, pensando numa dimensão mais política. Sendo assim, eu acho incrível que o SESC faça as ocupações temporárias antes mesmo de iniciar a obra de projeto final. Mostra que estão realmente alinhados com o tempo presente. Eu só acho uma pena que as ocupações não sejam usadas como campo de testes e pesquisa também para o projeto arquitetônico que irá estar fixo e definitivo naquele espaço.

**HC:** O centro da cidade de São Paulo conforma um ambiente plural no âmbito da memória, da cultura e da ocupação territorial. O preenchimento de vazios urbanos com a instalação de equipamentos culturais como a Ocupação SESC, que promovem o encontro e a troca, torna-se fundamental para o desenvolvimento da nossa sociedade.

Ocupar os espaços públicos com diversidade é um ato político, não basta criarmos polaridades e vivermos apartados uns dos outros. A maturidade de uma comunidade vem da sua capacidade de conviver com as diferenças em todos os âmbitos do pensamento humano. Precisamos desse olhar coletivo para lidar com questões globais que atingem a todos nós. Sem o coletivo, não existe o indivíduo.



Fonte: Maira Acayaba.

Figura 13. SESC Parque Dom Pedro II, Coletivo Leve.

**BS:** Como *designer*, sempre vi com certo estranhamento o caráter “imóvel” dos projetos arquitetônicos. Os objetos de *design* costumam evoluir constantemente, modificando nossa vida cotidiana. Do contrário, ainda estaríamos falando com telefones enormes e com fio. Acho que as edificações deveriam dialogar mais com as mudanças que ocorrem na experiência da cidade a partir das relações entre as pessoas, sobretudo os espaços culturais, como é o caso aqui. Por isso, acredito em arquiteturas mutáveis, que se transformam a partir dos aprendizados que ocorrem neste diálogo entre os atores e os espaços. Uma arquitetura mais adaptativa. Vi a proposta do SESC como uma oportunidade de materializar esse pensamento a partir de uma estrutura fácil que pode ser montada, transformada e modificada. Mais do que o projeto temporário de uma unidade, trata-se de um sistema construtivo que pode ser utilizado em diversos lugares, tornando-se um laboratório de co-criação coletiva que se vale dos aprendizados do urbanismo tático para fazer emergir um outro pensamento de construir cidades. Entendo que o SESC deveria aproveitar essa oportunidade para testar mais os espaços antes de idealizar seu programa definitivo ou até — por que não? — criar unidades capazes de se transformar constantemente a partir desse constante diálogo com o público. Concluindo a pergunta, vejo que a própria lógica do projeto é em si uma forma de dar voz a esse crescente envolvimento popular nas decisões que dizem respeito à cidade.

**No cenário atual, o que acham que é fazer arquitetura no Brasil?**

**LG:** Fazer arquitetura no Brasil é um grande desafio, mas que cabe à gente resolver. Um desafio entendendo que, de modo geral, não temos tantos recursos para resolver as questões — falta investimento, capacidade e vontade política. Ao mesmo tempo, é uma grande responsabilidade. Se nós, arquitetos brasileiros, não nos dedicarmos a essas soluções, quem vai? Apesar de tudo, ver um projeto pronto e em uso é uma grande alegria e a maior recompensa que um arquiteto poderia ter.

**VE:** Não sou arquiteta de formação, eu sou *designer*, vim da escola do *design*, então acredito que posso opinar a partir desse meu lugar e da experiência com o projeto de cenografia para o SESC. O projeto de cenografia para o SESC Dom Pedro II, por si só, é uma crítica à arquitetura atual, fixa, não flexível e imutável, e que o seu desenrolar, o que foi proposto como projeto e o que foi implantado no local, conta um pouco da história do fazer arquitetura no Brasil.

**HC:** A arquitetura no Brasil está em transformação, pela primeira vez depois do Modernismo brasileiro sinto que voltamos a estar na vanguarda. Digo isso porque vejo surgir um caminho novo em solo nacional, onde o arquiteto se aproxima e se apropria de técnicas vernaculares como a nossa raiz indígena. Unindo tecnologia e ancestralidade ao conceber os projetos, como exemplo, uma escola [Edifício de moradia para crianças e adolescentes na Escola-fazenda de Canuanã,





Fonte: Maira Acayaba.

Figura 14. SESC Parque Dom Pedro II, Coletivo Leve.



Fonte: Maira Acayaba.

Figura 15. SESC Parque Dom Pedro II, Coletivo Leve.

Tocantins] projetada por um arquiteto brasileiro [Aleph Zero e Rosenbaum] ganhou o prêmio RIBA [Royal Institute of British Architects] 2018.<sup>3</sup>

Apesar da adversidade enfrentada com a desvalorização cultural pela diminuição de políticas públicas que incentivem essas práticas, existe uma resistência silenciosa. O Brasil pode ser um dos grandes vanguardistas da “arquitetura verde” tão desejada pelo mundo. Temos todos os recursos para isso. Embora falte desejo político e investimento, não nos falta território e técnica para fazer isso acontecer.

**BS:** Como *designer*, não falo como um profissional de arquitetura, mas como quem faz projetos de diferentes naturezas e escalas e, assim, acaba falando de arquitetura e urbanismo também. Dessa forma, creio que posso falar sobre a tarefa de projetar no Brasil atual. Entendo que projetar é uma busca constante de tentar dar forma ao Brasil e ao mundo que se quer. Projetar (*PRO-*, “à frente”, +*JACERE*, “lançar, atirar”) é lançar algo à frente.

Pensar no presente algo que só vai existir no futuro. É, portanto, a habilidade de construir futuros, de “futurar”. Trata-se de um trabalho constante de criar possibilidades de novos “Brasis”. Eu acredito numa forma de projetar que considera o indivíduo como um coautor e não como um mero usuário ou um cliente. Um tipo de projeto que empodera o cidadão, dando voz para ele intervir e perceber que a cidade é um direito e uma responsabilidade. Nós construímos nosso entorno da forma como ele é e, se estamos insatisfeitos, temos que nos juntar para construir uma outra cidade que seja melhor para todos. Por isso, entendo que o trabalho do arquiteto no século XXI é muito menos na prancheta e muito mais fora do estúdio, articulando novos futuros. Acredito que essa mudança de paradigma está vindo do micro para o macro. Da arquitetura temporária, das ocupações, do urbanismo tático. O urbanismo do séc. XX foi *top down* enquanto o urbanismo do séc. XXI precisa ser *bottom up*.

### Notas de fim:

1. SÃO PAULO (SP). Decreto Nº 55.045 de 16 de abril de 2014. Regulamenta a instalação e o uso de extensão temporária de passeio público, denominada “parklet”. *Diário Oficial da Cidade de São Paulo*, São Paulo, ano 59, n. 73, p. 1, 17 abr. 2014.
2. SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996; SANTOS, Milton. O lugar: encontrando o futuro. *Revista de Urbanismo e Arquitetura* 6, Salvador, v. 4, n. 1, p. 35-39, 1996.
3. RIBA International Awards 2018. RIBA Architecture.com, 2018. Disponível em: <https://www.architecture.com/awards-and-competitions-landing-page/awards/riba-international-awards/riba-international-awards-2018>. Acesso em: 13, dez. 2021.